



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Análise dos estudos sobre a pesquisa em comunicação e meio ambiente no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra ¹

Isabelle Azevedo Ferreira ²

Resumo: Este artigo propõe uma análise dos recortes temáticos expressos nas teses e dissertações sobre as relações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra com a comunicação e o meio ambiente. A análise será feita a partir dos resumos das produções defendidas no Brasil, no período de 2007 a 2012, e que se encontram disponíveis na base de dados da Capes ou da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O objetivo é verificar as recorrências temáticas e teóricas, a metodologia utilizada, bem como as dificuldades encontradas na pesquisa em que há uma simultaneidade entre a comunicação e o meio ambiente no MST. A análise dos resumos dar-se-á através da análise de conteúdo. O resultado são as possibilidades de pesquisa sobre comunicação, meio ambiente e o MST.

Palavras-Chave: Comunicação. Meio Ambiente. MST. Resumos. Pesquisa.

1. Introdução

Nas últimas décadas, a questão ambiental tem sido incorporada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) à reforma agrária, principal projeto de luta do movimento desde a sua fundação, em 1984. Em entrevista a revista Carta Capital³ de agosto de 2011, João

1 Artigo desenvolvido para a disciplina de Pesquisa em Comunicação com o objetivo de traçar um estado da arte para a pesquisa de mestrado que investiga a repercussão do projeto político ambiental do MST através da Campanha Permanente Contra o Agrotóxico e Pela Vida do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nas práticas ambientais e no exercício da cidadania dos assentados de Novo Mulungu.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: isabelle.azevedo@gmail.com.

3 AGGEGE, Soraya. O MST muda o foco. Carta Capital, 2011. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-mst-muda-o-foco>. Acesso em 01/08/2011.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Pedro Stédile, um dos principais dirigentes do MST, afirmou que o movimento deixou de lado a luta pela reforma agrária tradicional e passou a desenvolver o caminho da “reforma agrária popular”, a partir da defesa de um novo modelo de desenvolvimento agrícola: o agroecológico. O modelo combina a solidariedade da agricultura familiar com a sustentabilidade ecológica.

A inclusão do meio ambiente à pauta político-social do movimento tem como cenário a consolidação do agronegócio que atua de forma mais competitiva, com concentração de terra, com forte atuação de empresas estrangeiras sobre o domínio da produção e distribuição do que é produzido. Desta forma, para aumentar a produtividade, há uma maior incidência do uso de elementos prejudiciais ao meio ambiente como as sementes geneticamente modificadas

Com este cenário, o movimento tem empreendido campanhas e jornadas de luta como forma de dar visibilidade às lutas ambientais. A comunicação torna-se uma aliada na construção de uma agenda socioambiental. Neste caso, a ação ocorre em duas frentes: primeiramente há aquelas empreendidas visando aos meios de comunicação de massa e, em segundo, as que são destinadas a serem veiculadas nos meios de comunicação do próprio movimento e das redes de movimento parceiras. Em relação a esta última, o objetivo é fazer com que seja dada visibilidade à opinião do MST, tentando diminuir a desigualdade ao acesso midiático existente, visto que as ações do movimento são alvo constante de interpretações distorcidas por parte dos meios de comunicação de massa.

Diante das transformações mencionadas, este texto propõe uma análise dos recortes temáticos expressos nas teses e dissertações sobre as relações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra com a comunicação e o meio ambiente. O objetivo é verificar as recorrências temáticas e teóricas, a metodologia utilizada, e os recortes feito ao tema, bem como as dificuldades encontradas para verificar a ocorrência dessa relação simultânea da comunicação e do meio ambiente no MST.

A análise foi realizada com base nos resumos das produções defendidas no Brasil e que se encontram disponíveis na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Superior - Capes ou da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁴. As bases de dados são alimentadas com informações fornecidas diretamente pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados. A análise compreende o período entre os anos de 2007 e 2012, perfazendo cinco anos de produção acadêmica. O tempo escolhido corresponde à intensificação do acirramento econômico e político entre o agronegócio e o modelo agroecológico e sustentável defendido pelo MST.

Para chegar ao *corpus* de pesquisa, utilizamos as ferramentas de busca digital das bases de dados já mencionadas. Tanto a ferramenta da Capes quanto da BDTD oferecem a possibilidade de procurar por “assunto”, o que equivale as “palavras-chaves” das teses e dissertações. Desta forma, escolhi por buscar “comunicação, meio Ambiente e MST”, de forma simultânea, como palavras principais ao tema. Contudo, não obtive retorno em nenhuma das bases de dados. Tentei ainda, dentro da tríade, substituir o termo “meio ambiente” por “natureza”, uma vez que os termos estão usualmente relacionados, mas também não consegui nenhum resultado.

Sobre essa ausência de resultados acerca dos estudos sobre comunicação e meio ambiente no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), podemos levantar algumas hipóteses. Há uma dificuldade, por parte dos pesquisadores, em compreender as transformações ocorridas nos movimentos sociais rurais e, com isso, entender a inclusão de uma agenda ambiental nestes movimentos que originalmente estão fora do rol de movimentos classificados como ambientalistas. Esta dificuldade não ocorre apenas na área da comunicação, mas também em estudos correlatos, como no caso da sociologia. Ao fazer um estado da arte sobre os movimentos sociais rurais, Scherer-Warren (1993) classifica como “fraca” a presença da questão ambiental no desenho das pesquisas acadêmicas sobre movimentos sociais rurais no Brasil. À época, a autora indagou se as questões sobre o meio ambiente eram consideradas irrelevantes para os movimentos sociais rurais ou se os enfoques dados nas ciências humanas faziam essa exclusão no momento da análise.

Quase doze anos depois do estudo citado anteriormente, ao fazer um resgate da produção acadêmica sobre a agricultura e a questão ambiental, Alfio Brandenburg (2005) também considera que ainda são poucos os estudos de caráter socioambiental relacionados ao mundo agrário.

⁴Disponível pelos seguintes sites: Capes - <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> e BDTD - <http://bdtd.ibict.br/>



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Apesar disso, Brandenburg (2005) identifica e categoriza seis temáticas mais abordadas pelos pesquisadores. São elas: as consequências da modernização, em que são abordados estudos sobre o impacto de agroquímicos, máquinas e implementos agrícolas no uso das práticas agrícolas modernas; os movimentos sociais no campo e meio ambiente, em que o autor destaca os estudos de Eduardo Viola (1987)⁵ e de Ilse Scherer-Warren (1990); a agricultura de padrão alternativo, sustentável e agroecológico como via não-convencional; o Desenvolvimento rural sustentável; a Agricultura, meio ambiente e temas diversos⁶; e, por fim, as pesquisas sobre Ruralidades e meio ambiente, em que se destaca a revalorização do rural.

Ricci (2005) afirma que, em geral, existe uma subestimação dos estudos sobre a realidade social rural, fato constatado pela baixa produtividade editorial sobre o tema, a partir dos anos 80. Ainda que existam pesquisas na área, segundo o pesquisador, a predominância é de estudos sobre movimentos sociais urbanos.

Destaco ainda a dificuldade que parece haver, por parte dos pesquisadores, em entender o papel da comunicação nessa teia de relações ambientais, consideradas complexas. Antes, é preciso ressaltar aqui a relação das Organizações Não Governamentais (ONGs) e do movimento ambientalista com a comunicação. Muitas dessas organizações já nasceram no seio da comunicação global, utilizando esta para dar visibilidade às bandeiras de luta. Segundo Souza (2006), estes atores bombardearam por décadas a mídia que, em contrapartida, cedeu cada vez mais espaço para o tema. Por isso, a importância de entender como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por exemplo, utiliza-se dessa visibilidade em suas lutas na qual existe uma disputa sobre as formas de se utilizar o meio ambiente.

Cito ainda a análise dos estudos de teses e dissertações sobre jornalismo ambiental, desenvolvido pela professora Sônia Aguiar (2009). Embora optemos, neste trabalho, em não utilizar

5 VIOLA, Eduardo. "O movimento ecológico no Brasil (1974-1986); do ambientalismo à ecopolítica". Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.1, n.3, 1987. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_03/rbcs03_01.htm.

6 Aqui o autor destaca temas como o papel das ONGs, as populações tradicionais em áreas naturais protegidas e a segurança alimentar, por exemplo.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

o termo “Comunicação ambiental” ou, tampouco, “Jornalismo ambiental”⁷ para classificar as produções de comunicação que envolvem o meio ambiente no MST, a pesquisa nos mostra também um panorama negativo quando o assunto envolve movimentos sociais, meio ambiente e comunicação, uma vez que a autora não faz nenhuma menção sobre pesquisas acerca da relação entre movimentos sociais e de uma Comunicação ambiental ou Jornalismo ambiental. Aguiar (2009) chama a atenção para o fato de que até o ano 2009, período final do recorte da análise, não havia sido desenvolvido nenhum trabalho sobre as chamadas “ecomídias”, especializadas em cobrir a questão ambiental e desenvolvidas por organizações ambientalistas.

Para resolver a dificuldade inicial com a combinação das três palavras escolhidas, resolvemos dividir a busca em dois grupos, cada qual composto de apenas duas palavras-chaves. Primeiramente, fizemos uma busca usando “meio ambiente” e “MST” de forma simultânea. Em seguida, optamos pelos termos “Comunicação” e “MST”. A opção por usar o termo “MST” comum aos dois grupos se dá justamente pelo fato de querer compreender melhor a pesquisa sobre esses temas tendo o movimento como objeto de pesquisa. Essa divisão também se dará adiante na estrutura do texto. Faremos uma análise preliminar dos trabalhos sobre a relação do meio ambiente com o MST e, em seguida, uma análise das produções sobre comunicação e o movimento. Ao fim, faremos uma discussão sobre os possíveis pontos de confluência que podem ser identificados para pesquisas sobre a comunicação e meio ambiente no MST em trabalhos futuros.

É importante ressaltar a dificuldade encontrada com as ferramentas de busca, uma vez que pode gerar uma certa imprecisão em relação ao material coletado. A busca é feita pela totalidade dos bancos de dados, não havendo a possibilidade de delimitar a procura pela área de conhecimento. Desta forma, por vezes, apareceram resultados que não estão relacionadas ao objetivo deste artigo. Além disso, há casos em que, embora a publicação conste no resultado da busca e esteja relacionado ao tema com o qual está se trabalhando, as palavras buscadas não correspondem às palavras-chaves do próprio trabalho. Alerto ainda para a possibilidade de existirem trabalhos sobre a pesquisa aqui

⁷ Empregamos aqui as diferenciações conceituais propostas por Wilson Bueno (2007). O autor afirma que a Comunicação ambiental “é todo o conjunto de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/ promoção da causa ambiental, enquanto o Jornalismo Ambiental, ainda que uma instância importante da Comunicação Ambiental, tem uma restrição importante: diz respeito exclusivamente às manifestações jornalísticas” (p.34).



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

realizada, mas que, por alguma falha no mecanismo de busca, não constam na lista de trabalhos. De antemão, peço desculpas aos pesquisadores, com o compromisso de fazer futuras correções.

Para a procura simultânea das expressões “meio ambiente” e “MST”, foram encontrados no portal da Capes, 39 resumos. Já no portal da Biblioteca digital foram encontrados 17 resumos de teses e dissertações. Fazendo o cruzamento dos dados e uma seleção manual do material, chegamos ao total de 11 trabalhos. Excetuamos aqueles que não atendiam ao recorte temporal estabelecido, aqueles cuja área de interesse estava classificado dentro da “Ciência e Tecnologia” e ainda os resumos em que, embora aparecessem nas buscas, não estavam adequados ao recorte da pesquisa, uma vez que nem o resumo e nem o título do trabalho deixavam nítidos se o MST era o objeto central da pesquisa.

Já para a expressão “Comunicação” e “MST” foram encontrados 27 resultados na base de dados da BDTD e 54 teses e dissertações, no portal da Capes. Para fazer a seleção dos trabalhos foram utilizados os mesmos critérios estabelecidos para o primeiro grupo de palavras-chaves. Com isso, foram selecionados, ao todo, 18 trabalhos. Somados a primeira seleção, foram analisados um total de 29 resumos de teses e dissertações.

Como metodologia de pesquisa, escolhemos utilizar a análise de conteúdo, levando-se em conta que “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 38). Desta forma, segundo Fonseca (2011, p. 299), “a leitura efetuada pelo analista de conteúdo procura evidenciar o sentido que se encontra em segundo plano”.

2. A pesquisa sobre o MST e a questão ambiental

Na condição de movimento organizado, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) começou a articular-se durante a realização do I Encontro Nacional dos Sem Terra (1984), realizado em Cascavel, no Paraná. A partir daí, da sua fundação (1984) até o começo dos anos 2000, com o Governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), o MST preocupou-se eminentemente com a regulamentação constitucional das desapropriações para a reforma agrária e a efetivação de que a reforma pudesse ser implementada.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Embora tenha uma discussão que se aproxima da questão ambiental, esta esteve inserida de forma periféricamente nos documentos do movimento. Negri (2005) registra uma preocupação ambiental no “Plano Nacional do MST: 1989 a 1993” que propõe “Desenvolver um trabalho de educação entre as famílias assentadas, principalmente jovens e crianças, sobre a importância da preservação dos recursos naturais (fauna, flora, solo e água)” (PLANO NACIONAL *apud* NEGRI, 2005, p. 22). Já Costa Neto e Canavesi (2002), afirmam que de 1995 em diante, o MST intensificou o discurso programático em favor da sustentabilidade ao unir-se aos representantes de organizações não-governamentais (ONGs), ligadas às questões da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável.

Contudo, como ressalta o autor, somente a partir de 2000, durante a realização do 4º Congresso do Movimento, é que o MST vai intensificar o diálogo com a pauta ambiental. É nesse período que o movimento lança um documento específico para tratar da questão ambiental. No documento intitulado “Nossos compromissos com a terra e com a vida”⁸, dez resoluções apontam caminhos para proteger e preservar a natureza e todas as formas de vida. A questão ambiental passa a ser um novo elemento na disputa pelo projeto de sociedade que o MST quer construir, fazendo entender que a mudança entre as relações entre homem e natureza são fundamentais para a construção de uma nova sociedade.

Em 2006, a questão ambiental ganha destaque nacional com a campanha das mulheres da Via Campesina contra o capitalismo. Por todo o Brasil, as camponesas transformaram o 8 de março, Dia Internacional de Luta das Mulheres, em um grande ato contra a permissão da comercialização de milho transgênico pelo governo brasileiro à Bayer e à Monsanto, contra os desertos verdes⁹, e aos diversos problemas ambientais enfrentados nas regiões do país. Contudo, a ação mais marcante foi a ocupação das instalações da Aracruz Celulose, empresa produtora de celulose, em Barra do Ribeiro,

⁸ SECRETARIA NACIONAL DO MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **MST: Lutas e Conquistas.** São Paulo: 2010. Disponível em <http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF.pdf>. Acesso em 28/01/2012.

⁹ O predomínio da monocultura do eucalipto, acácia ou *pinus* para beneficiar a indústria de celulose favorece o chamado deserto verde. Nestes lugares a biodiversidade é destruída, os solos deterioram, os rios secam e há contaminação por poluição gerada pelas fábricas de celulose que contaminam o ar, as águas e ameaçam a saúde humana.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

a 56 km de Porto Alegre. No ano seguinte, em 2007, a posição do movimento é ratificada nos documentos do 5º Congresso Nacional do MST

Partindo de áreas diversas do conhecimento, como a educação, a sociologia, a história, a geografia e ou mesmo, daquelas consideradas como interdisciplinar ou multidisciplinar, de uma maneira geral, o resumo das teses e dissertações que aqui analisamos tomam o momento histórico citado anteriormente como referência para analisar as transformações do MST frente à questão ambiental. Segundo as informações dos resumos analisados, estas transformações são ratificadas pelos pesquisadores com base nos documentos políticos produzidos pelo movimento a cada congresso realizado.

É importante ressaltar que a maioria dos trabalhos publicados sobre o tema são oriundos de programas de pós-graduação do sul do país. Esse dado talvez possa ser explicado pelo fato de que a região é o berço político do movimento e também pelo fato de que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra é estruturalmente mais organizado nesta região cuja agricultura tradicional está fortemente enraizada.

Durante a análise do material, constatamos que duas abordagens são priorizadas pelas pesquisas. Uma está relacionado com a Agroecologia e a segunda com a Educação Ambiental. A exceção está no trabalho de Mendonça (2010), que busca explorar a relação do MST e do meio ambiente, de forma mais ampla. Para tanto, a autora utiliza-se da análise dos documentos políticos, buscando investigar de que forma as questões relativas à natureza/ meio ambiente foram incluídas nas principais reivindicações do movimento.

A agroecologia é apontada como alternativa à estrutura da agricultura tradicional que, embora questionada pelo movimento, ainda é adotada nos assentamentos (BORGES, 2007; BERNARDELLI, 2010). Os trabalhos ressaltam que o momento vivenciado é considerado de transição, uma vez que a agroecologia ainda não é um elemento consolidado dentro do MST. Apesar disso, os textos apontam que a agroecologia assume um caráter de resistência coletiva do MST e de enfrentamento ao agronegócio (SCHLACHTA, 2008; GONÇALVES, 2008). Diante disto, os pesquisadores procuram entender as dificuldades e os entraves para o seu estabelecimento nos assentamentos (BORSATTO, 2011), valendo-se da opção de ir até os assentamentos e investigar a agroecologia nestas localidades, considerando a realidade dos assentados.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

Um outro aspecto abordado pelas publicações está relacionado com a educação ambiental. Os trabalhos são realizados levando-se em conta dois caminhos de pesquisa. O primeiro caminho investiga o papel da educação ambiental na gestão dos assentamentos. Para isso, Oliveira (2008), realizou um estudo sobre a representação social do meio ambiente e da educação ambiental entre os assentados do Assentamento 10 de abril, no Crato, Ceará. Embora não se autointitule como educação ambiental, incluímos Krzysczak (2010) nesta categoria, uma vez que realiza pesquisa semelhante, ao fazer um estudo sobre a percepção ambiental dos agricultores assentados da Fazenda Annoni de Pontão, no Rio Grande do Sul. A fazenda é uma das primeiras a receber assentamentos do MST, ainda nos anos 1980. O autor investiga os processos de transformação da natureza local, associando-as com a percepção que os assentados apresentam de meio ambiente.

O segundo caminho da vertente sobre a educação propõe uma análise da presença da educação ambiental na proposta de educação do MST¹⁰. Neste caso, os objetos de pesquisa são múltiplos. Vargas (2007), por exemplo, acompanha o processo de implantação de Escola de Campo no assentamento Zumbi dos Palmares, no município de Campo de Goytacazes, no Rio de Janeiro, e de uma Escola Itinerante em uma atividade nacional do MST para investigar as interfaces entre educação ambiental e a proposta de educação do MST. Andrade (2011) elege os alunos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Beneficiários da Reforma Agrária (PROPED), desenvolvido pela Universidade Federal de Sergipe, como sujeitos da pesquisa para estudar as concepções e visões de natureza, da ética e do meio ambiente. Já Paim (2011), tomando os alunos do Curso de Nível Médio Integrado em Ciências da Natureza (Técnico em Agroecologia) do Assentamento Congonhas em Aberlardo Luz, em Santa Catarina, como referência, investiga como o curso contribui para o desenvolvimento agroecológico nas comunidades do assentamento.

De uma maneira geral, a abordagem teórica feita no levantamento dos resumos das teses e dissertações catalogados para esta pesquisa é quase inexistente. A ausência dessa bibliografia é, de certa forma, inexplicável, já que há uma vasta literatura sobre o assunto. Como apontam Alonso e

¹⁰ O MST considera a educação como um agente importante na transformação política e social. “Trata-se de uma educação diferenciada, voltada para homens e mulheres no campo, que objetiva não apenas alfabetizar, ou construir escolas com metodologias diferenciadas. Trata-se também de ocupar espaços na sociedade para o desenvolvimento de novos valores, ao mesmo tempo que se estimulam as práticas de solidariedade” (GOHN, 2000, p. 108).



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Costa (2002), “o 'meio ambiente' explodiu como tema das ciências sociais nas últimas três décadas. A questão emergiu nos anos 70, seguida, nos anos 80 e 90, de uma diversificação tanto teórica quanto geográfica.” (p.35), tendo sido o campo objeto de vários mapeamentos.

Apenas dois resumos indicam que utilizam os conceitos de Karl Marx para investigar as relações do meio ambiente no MST. Vargas (2007) utiliza o conceito de metabolismo sociedade-natureza de Marx para tratar a questão da sustentabilidade e Mendonça (2010) que utiliza os conceitos do intelectual alemão para conceituar o termo Natureza. É importante ressaltar que não há escritos de Marx sobre o tema, apenas interpretações de autores sobre a obra marxista. Contudo, o sociólogo alemão foi quem melhor problematizou a lógica da produção capitalista e do acúmulo de capital e que dialoga com a noção da crise já citada.

Dos onze resumos analisados, sete deles descrevem a opção metodológica. Percebo que a utilização de uma abordagem multimetodológica é necessária dada a complexidade da temática sobre a questão ambiental e do movimento estudado. Contudo, observo que não há um esforço em construir uma metodologia própria para os estudos sobre sociedade e meio ambiente.

No caso das pesquisas sobre a questão da agroecologia, apenas Borsatto (2010) indica a metodologia empregada na coleta dos dados: uso da observação participante e a realização de entrevistas semi estruturadas, bem como a utilização de um sistema participativo de indicadores sociais¹¹ em suas análises. Mendonça (2010) faz uso da análise documental para compreender a natureza do/no MST. Com relação aos trabalhos em que se aborda a relação da educação ambiental, Oliveira (2008) opta também por diferentes metodologias para realizar sua investigação: pesquisa participante, pesquisa bibliográfica, investigação documental, aplicação de questionários e entrevistas, registro de observação de reuniões, conversas informais, coleta de depoimentos e confecção de mapas mentais.

Krzyszczak (2010) utiliza o estudo de caso e a pesquisa qualitativa para realizar o estudo das percepções ambientais. Já Andrade (2011) utiliza a combinação dos aspectos quantitativos e qualitativos para a realização da pesquisa. Para tanto utiliza questionários e entrevistas semi estruturadas, relatórios da prática de ensino e temática dos problemas ambientais. Paim (2011)

11 Sistema de avaliação de Aderência à Agroecologia (SAAGRO), desenvolvida pelo autor para a pesquisa.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

também opta pelo estudo de caso, com abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de coleta de dados entrevistas semi estruturadas, questionários, além das fontes documentais e bibliográficas.

3. A produção acadêmica sobre o MST e a comunicação

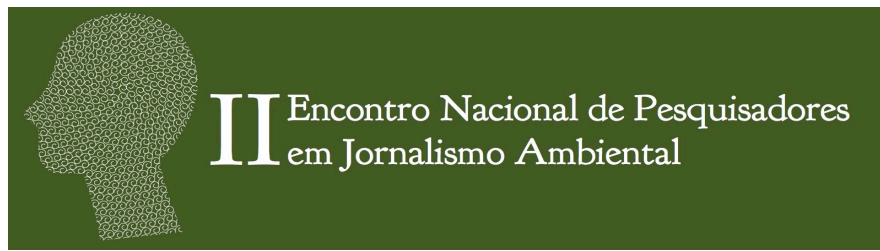
O levantamento dos dezoito resumos das teses e dissertações – realizado para este artigo – aponta para uma divisão da pesquisa acerca dos estudos de comunicação e o MST em cinco categorias: 1. A presença do MST na mídia; 2. A mídia do MST; 3. Estudos comparativos a outros movimentos sociais de mesma expressão política que o MST; 4. A juventude dos assentamentos e a mídia. Optamos pela utilização do termo mídia para as categorias, uma vez que os resumos selecionados apontam apenas para a investigação dos *medias*, não havendo registro acerca dos processos comunicacionais.

A relação do MST com a mídia sempre foi marcada por contradições (GOHN, 2000). Por um lado, a presença do movimento nos meios de comunicação – por meio das notícias das marchas e ocupações de terra – proporcionava visibilidade política e permitia um agendamento das discussões com a sociedade e o governo. Isto pode ser observado em 1997, ano em que a Marcha Nacional por Emprego e Reforma Agrária reuniu 100 mil pessoas em direção à Brasília para denunciar o descaso dos governos neoliberais¹² com a agricultura familiar e as péssimas condições de vida no campo.¹³ Por outro lado, o movimento estava condicionado a um processo crescente de criminalização de suas ações.

As grandes ocupações de terra eram 'avisadas' à imprensa, para que fossem noticiadas. Mas à medida que elas passaram a ocupar as manchetes diárias, a exposição excessiva passou a ter efeitos negativos. E o MST passou a ser utilizado pela mídia, como elemento de geração do medo e da insegurança junto à opinião pública. As manchetes dos jornais passaram a destacar apenas atos violentos ou de vandalismo, sempre atribuídos ao MST (GOHN, 2000, p.158)

12 Naquele período, o presidente era Fernando Henrique Cardoso.

13 Gohn (2010) registra que durante o mês de abril de 1997, data da realização da marcha, o MST teve 163 manchetes noticiadas em um único jornal, no caso a Folha de S. Paulo, jornal brasileiro de circulação nacional.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

Esta visão dicotômica e complexa do movimento é o recorte feito pelas publicações sobre a presença do MST na mídia, a primeira das categorias realizadas. Desta forma, as pesquisas apontam ora para a utilização destas mídias como promotora de visibilidade e do agendamento social (SANTI, 2008; LYRA, 2010; MELO, 2008) ou para um processo de criminalização (BUDÓ, 2008; SILVA, 2010).

Nesta primeira categoria, destaco o trabalho de Melo (2008) que analisa a construção mediática do movimento na cobertura jornalística de um fato emblemático na história da questão ambiental no MST: o caso da Aracruz Celulose, já citado neste texto. Contudo, segundo o texto informado no resumo, a abordagem é feita estritamente tomando a comunicação como referência, não havendo menções às transformações sobre o meio ambiente ocorridas no interior do movimento. Melo (2008) desenvolve a pesquisa a partir de entrevistas com integrantes do MST e com jornalistas, de forma que é possível identificar a visão do MST e sua autocompreensão com o campo jornalístico.

Já Lyra (2010), faz uma análise do discurso das matérias veiculadas no Jornal A Tarde, além do dispositivos, métodos e estratégias que integram o que a autora classifica como “cultura comunicativa do MST” e que, segundo ela, passou a influenciar o modo de planejar e realizar a comunicação dos movimentos sociais no Brasil.

Em relação a criminalização, os trabalhos trazem abordagens bem diferenciadas. Budó (2008) –cuja área do conhecimento é o Direito– nos chama atenção por investigar, a partir da Teoria do etiquetamento e da Criminologia crítica, a forma como o jornal auxilia na construção social da criminalidade quando o assunto são as manifestações dos movimentos sociais de luta pela terra. Para tanto, a autora utiliza a análise de discurso crítica de edições do jornal Zero Hora. Já Silva (2010), analisa esse processo de criminalização com foco no fotojornalismo. O autor analisa as imagens fotojornalísticas sobre a atuação do MST no Pontal do Paranapanema, publicadas no jornal Folha de S. Paulo, utilizando como metodologia a análise de conteúdo e o que ele categoriza como “a desconstrução analítica da imagem” (SILVA, 2010).

A segunda categoria, estabelecida com base nos resumos, versa sobre a comunicação produzida pelo MST. De uma maneira geral, os resumos das teses e dissertações indicam a formação e a consolidação de uma política de comunicação para o movimento, na qual emerge a necessidade e a importância do MST em criar seus próprios canais de comunicação. Essa estratégia comunicacional tenta diminuir a crescente criminalização que, dentre outras coisas, impede o acesso da circulação do discurso produzido pelo movimento nos meios de comunicação. Na maioria dos casos, estas mídias optam por fontes ligadas às estruturas econômicas dominantes, ao invés de darem voz aos representantes do MST, por exemplo. Desta



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

forma, à luz dos conceitos de Guy Debord, Vieira (2007) destaca que movimentos, tais como o MST, utilizam as mesmas armas do adversário no campo da cultura, economia e da política.

Nesta categoria, estão incluídos os estudos sobre as estratégias de divulgação, as representações e a construção de uma política de comunicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (PERLI, 2007; VIEIRA 2007). Os trabalhos buscam amparar-se em documentos políticos sobre comunicação produzidos pelo próprio MST. Com o grande impacto obtido com a marcha nacional em 1997, a partir do final do anos 1990, é cada vez maior a demanda pela organização de uma política de comunicação do movimento, aliada ao discurso ideológico de democratizar a comunicação. É neste ponto que é possível visualizar uma tensão frente a um possível processo de midiaticização (GUINDANI, 2010).

Ainda nesta categoria, os pesquisadores buscam compreender a mídia produzida no MST com base nos materiais impressos e radiofônicos. O grande destaque dentre os materiais produzidos pelo movimento é o Jornal Sem Terra (BEZERRA, 2011; POSSEBON 2011) cuja primeira edição começou a circular em 1981, bem antes da fundação do movimento. O JST é, sem dúvida, um grande registro histórico das transformações políticas do movimento.

Segundo Dênis de Moraes (2000), a Internet é apontada como um componente inesperado nas lutas dos movimentos sociais a partir dos anos 90. Além de interagir com quem quer apoiar, criticar, sugerir ou contestar, “o espaço é também uma forma de driblar o monopólio de divulgação, permitindo que forças contra hegemônicas se expressem com desenvoltura” (MORAES, 2000, p.142). Neste sentido, a Internet aparece como um componente importante na luta do MST. Com base na análise do site do movimento¹⁴, dois trabalhos (TEJERA, 2012; FONSECA, 2009) destacam a importância da internet nas estratégias de comunicação do MST.

Não apenas isso, os estudos apontam para a inserção do MST na esfera pública virtual, no contexto da ciberdemocracia, que proporciona um terreno para a ação cidadã (TEJERA, 2012). A autora utiliza os princípios da Sociologia Compreensiva para nortear a construção do campo teórico desta pesquisa, valendo-se da etnografia e da netnografia como metodologia de pesquisa. Já Fonseca (2009), analisa as formas de atuação política, social e cultural exercidas pelo MST na rede mundial de computadores, observando como a cibercultura ou o ciberativismo é utilizado pelo Movimento.

Um outro aspecto abordado pelos estudos sobre a comunicação e o MST são as comparações e aproximações feitas com o movimento mexicano Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) que

14 www.mst.org



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

possui, no âmbito da América Latina, expressão política semelhante ao MST. Aqui destacam-se as contribuições da comunicação na formação das identidades dos movimentos (OLIVEIRA, 2009) e a utilização da Internet na mediação e hibridização das culturas (SANTOS, 2007).

Na última categoria, os trabalhos mostram de que maneira a mídia comercial contribui na formação dos processos de subjetivação da juventude que mora em assentamentos do MST. Freitas (2010) investiga a mídia e os sentidos culturais dos jovens residentes em assentamentos rurais do MST-PB, tomando como referência o rádio e a televisão, em especial o programa *Malhação*. Já Feitosa (2007), se detém apenas na análise a partir da televisão para problematizar a relação dos jovens do assentamento Capela, em Nova Santa Rita-RS, com os discursos televisivos e os modos de subjetivação apreendidos na televisão por esses jovens de origem rural.

De uma maneira geral, os resumos catalogados para este artigo trazem a comunicação como um instrumento das disputas políticas travadas entre os meios de comunicação de massa e os movimentos sociais. Contudo, os estudos apontam apenas para as divergências acerca da comunicação enquanto produtora de sentidos e de minimizadora das desigualdades midiáticas (no caso das pesquisas sobre a comunicação produzida pelo MST). Não há, portanto, a utilização da comunicação para observar fenômenos que ocorrem no interior dos movimentos sociais como o caso das relações com a questão ambiental.

A crítica anterior, sobre as teses e dissertações produzidas, não deve ser feita sem considerar o caráter da cobertura jornalística brasileira nos meios de comunicação de massa. A cobertura opta por notícias superficiais, desconsiderando a necessidade da crítica sobre o processo noticiado. Na maioria dos casos, a crítica que é feita está a serviço dos próprios grupos de comunicação, quando não de interesses de grupos econômicos, negando, desta forma, uma pluralidade de fontes e informações. Desta forma, reafirmamos aqui a importância dos movimentos sociais em construir suas próprias mídias como forma de tornar o debate plural.

4. Considerações finais: desafios da pesquisa

Embora a análise feita sobre as teses e dissertações tenha ficado longe do objetivo inicial, o de observar, de forma simultânea, as relações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra com a comunicação e o meio ambiente, conseguimos traçar um breve panorama de como esses dois temas estão localizados no mapa da produção acadêmica brasileira nestes últimos cinco anos.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

De uma maneira geral, concluo que os resumos analisados têm deficiência com relação ao aporte teórico desenvolvido. Os caminhos metodológicos também apresentam-se de forma vaga. Aqueles que trazem a metodologia, apenas optam por enumerar os métodos utilizados sem contextualizá-las ao trabalho. Além disso, os resumos não antecipam ao leitor os resultados dos trabalhos.

Constato ainda que as transformações ocorridas nos movimentos sociais rurais é um terreno ainda com muitas possibilidades para que a pesquisa sobre a comunicação, o meio ambiente e o MST (e nos movimentos sociais rurais de uma maneira geral) possa se desenvolver. É preciso, entretanto, compreender que há a existência das novas formas de mobilização e articulação dos movimentos sociais que permite que a pauta ambiental seja incorporada em outras perspectivas políticas da luta.

Referências

AGGEGE, Soraya. **O MST muda o foco**. Carta Capital, 2011. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-mst-muda-o-foco>. Acesso em 01/08/2011

ALONSO, Angela; COSTA, Valeriano. (2002), “Ciências Sociais e Meio Ambiente no Brasil: um balanço bibliográfico”. **BIB - Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais**, ANPOCS. No. 53, 1, semestre de 2002, p.35-78

AGUIAR, Sônia. Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões. In: 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo: Rio de Janeiro, 2011. **Anais...** Disponível em: http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CC_23.pdf Acesso em 26/01/2013

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

BRANDENBURG, Alfio. Ciências sociais e ambiente rural: principais temas e perspectivas analíticas. **Revista Ambiente & Sociedade**, vol. VIII, nº1, jan/jun 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v8n1/a04v08n1.pdf>. Acesso em 25/01/2013.

BEZERRA, Antonio Alves. **O Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e seus temas: 1981-2001**. 01/06/2011. 312P. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, vol. 15, p. 33-44, 2007.

COSTA NETO, Canrobert P. L.; CANAVESI, Flaviane. Sustentabilidade em assentamentos rurais - O MST rumo à "reforma agrária agroecológica" no Brasil? In: ALIMONDA, Héctor (Org.). **Ecologia Política: Natureza, Sociedad y Utopia**. México:Clacso, 2002. p. 203-215



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

FONSECA Júnior, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. IN: DUARTE, Jorge; e BARROS, Antônio (orgs) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

MORAES, Dênis de. Comunicação Virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na internet. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, vol. XXIII, n. 2, p.142-155, julho/dezembro de 2000.

NEGRI, Paulo Sérgio. **A identidade ecológica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST: o caso do assentamento Dorcelina Follador, Arapongas, Paraná**. Dissertação. Londrina Paraná, 2005.

RICCI, Rudá. A trajetória dos movimentos sociais no campo: história, teoria social e práticas de governos. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 54. Paraná: Novembro/2005. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/054/54ricci.htm#_ftn3. Acesso em 25/04/2013

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais rurais no mundo globalizado: o caso do MST. **Cadernos de Pesquisa**, nº 24, Santa Catarina, Novembro 2000.

_____. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, 4ª Edição.

SOUZA, Jean Carlos Vilas Boas. Cidadania Verde na sociedade da comunicação: caminho para mudar o organismo global. **UNirevista**, Porto Alegre, Volume I, nº3, p. 1-12, 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNirev_BoasSouza.PDF

Teses e Dissertações

ANDRADE, Edivânio Santos. **Do sentido ético à sobrevivência: a prática ambiental em assentamentos rurais do MST no Estado de Sergipe**. 01/02/2011. 127p. Dissertação. Universidade Federal de Sergipe. Sergipe. 2011

BERNARDELLI, Tania Mara dos Santos. **De "Cupins de Aço" a produtores Agroecológicos: O processo de transição para a agroecologia no Assentamento Terra Vista - Arataca-BA**. 01/12/2010. 125p. Dissertação. Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2010.

BORGES, Juliano Luis. **A transição agroecológica no MST**. 01/07/2007. 183p. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2007.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

BORSATTO, Ricardo Serra. **A agroecologia e sua Apropriação pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)**. 01/12/2011. 298p. Tese. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2011.

BUDÓ, Marília Denardin. **Da Construção Social da Criminalidade à reprodução da violência Estrutural: Os Conflitos Agrários no Jornal**. 01/03/2008. 259p. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2008.

FEITOSA, Sara Alves. **Televisão e juventude sem terra: mediações e modos de subjetivação**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2007.

FREITAS, Goretti Maria Sampaio. **Sob o signo da relação: a mídia e os sentidos culturais dos jovens residentes em assentamentos rurais do MST-PB**. Tese. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2010.

FONSECA, Lucas Milhomens. **Ciberativismo e MST: o debate sobre a reforma agrária na nova esfera pública interconectada**. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2009.

GONÇALVES, Sérgio. **Campesinato, resistência e emancipação: o modelo agroecológico adotado pelo MST no Estado do Paraná**. 01/12/2008 131p. Tese. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, 2008

GUINDANI, Joel Felipe. **Políticas comunicacionais e a prática radiofônica na sociedade em midiáticação: um estudo sobre os documentos de comunicação do Movimento Sem Terra (MST) e Rádio Terra Livre FM**. Dissertação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rio Grande do Sul, 2010.

KRZYSCZAK, Fabio Roberto. **O meio ambiente na percepção dos assentados pelo MST/INCRA: um estudo sobre os assentamentos da antiga Fazenda Annoni – Pontão/RS**. 01/12/2010. 149p. Dissertação. Centro Universitário Univates - Ambiente e Desenvolvimento. Rio Grande do Sul, 2010.

LYRA, Andréa Virgínia Lamego. **O vermelho na cultura do papel: a visibilidade midiática do MST e a imprensa**. 01/03/2010. Dissertação. Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2010.

MELO, Paula Reis. **Tensões entre fonte e campo jornalístico: um estudo sobre o agendamento mediático do MST**. Dissertação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rio Grande do Sul, 2008

MENDONÇA, Fernanda Ciandrini. **A natureza do/no MST**. 01/03/2010. 85p. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2010.

OLIVEIRA, Lilian Crepaldi. **A aposta na esperança: identidades culturais e sociais nas revistas Sem Terra e Chiapas**. Universidade de São Paulo. Dissertação. São Paulo, 2009.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

PAIM, Robson Olivino. **Natureza, terra e trabalho na educação do MST**: o caso do assentamento congonghas – Abelardo Luz – SC. 01/12/2011. 153p. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Paraná, 2011.

PERLI, Fernando. **A luta divulgada**: um movimento em (in) formação estratégias, representações e política de comunicação do MST (1981 – 2001). 01/04/2007. 333p Tese. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, 2007.

POSSEBON, Alessandra Franceschini. **Hegemonia, cidadania e comunicação**: uma análise do Jornal Sem Terra. 01/09/2011. 122p. Dissertação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, 2011

SANTI, Vilso Junior Cherentin. **As Representações no Circuito das Notícias**: o Caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Jornal Zero Hora (ZH). 01/12/2008. 120p. Dissertação. Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2008.

SANTOS, Carlos Eduardo Sandano. **A mediação na era da reprodutibilidade em rede**: análise da cobertura jornalística sobre o MST e o EZLN nos jornais impressos e na internet. 01/04/2007. 482p. Dissertação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

SCHLACHTA, Marcelo Hansen. **O MST e a questão Ambiental**: uma cultura política em movimento. Dissertação. 01/08/2008, 177p. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Paraná, 2008

SILVA JUNIOR, Roberto Aparecido Mancuzo. **O MST desterritorializado**: um novo olhar sobre a criminalização do movimento a partir do fotojornalismo e do hiperespetáculo. 01/05/2010. Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2010.

TEJERA, Marta Helena Dornelles. **Ciberdemocracia e movimento dos trabalhadores rurais sem terra: práticas comunicacionais no terreno da esfera pública virtual**. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2012.

VARGAS, Luiz Américo Araújo. **A Questão agrária e o meio ambiente**: Trabalho e Educação na luta pela terra e pela sustentabilidade. 01/08/2007. 168p. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

VIEIRA, Fernando Antônio da Costa. **Navegando contra a maré**: a relação entre o MST e a Mídia. 01/06/2007. 257p. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.